



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9473 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Etnografia cosmopolítica para reativar vínculos entre práticas epistêmicas

Elisa Sampaio de Faria - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Maria Rabelo Gomes - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

ETNOGRAFIA COSMOPOLÍTICA PARA REATIVAR VÍNCULOS ENTRE PRÁTICAS DE CONHECIMENTO

RESUMO

Uma das ações afirmativas que possibilita aos povos de axé sustentar seus conhecimentos na universidade é o Encontro de Saberes. Uma etnografia cosmopolítica conduzida através do Encontro de Saberes, com a intenção conectar parcialmente as práticas de conhecimento científicas e as práticas de conhecimento de axé, dá origem a esse texto. Ao explorar os efeitos que essa conexão produz em nós, praticantes das ciências, reconhecemos quem não somos e o que não sabemos, nos ensinando a respeitar as diferenças entre as práticas epistêmicas.

Palavras-chave: Educação superior. Ação afirmativa. Encontro de Saberes. Etnografia cosmopolítica. Reinado.

1 ABERTURA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Partindo de sua trajetória na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Gonzaga (2015) percebe uma dificuldade institucional no que diz respeito à temática étnico-racial. A autora questiona que muitas universidades restringem sua política de permanência para estudantes negros(as) a uma perspectiva estritamente econômica, como a assistência para alimentação e moradia, enquanto os corpos negros provocam estranhamento e os saberes da matriz africana são invalidados.

Pode-se dizer que a abertura da educação superior não garante uma diversificação das “práticas epistêmicas” nas universidades. Quando falamos em práticas epistêmicas, assumimos a noção apresentada por Verran (Cf. VERRAN, 2013, p. 154-156) para fazer referência àquilo que possibilita a um grupo, em um lugar peculiar, responder perguntas. As práticas de conhecimento ou práticas epistêmicas são as “maneiras coletivas, rotineiras e sóciomateriais de habilitar as pessoas a dizer ‘nós conhecemos’ com, pelo menos, algum grau de certeza” em coletivos singulares (VERRAN, 2013, p. 155, tradução nossa). Se referem ao conjunto de procedimentos, conhecimentos, investimentos, instrumentos e parceiros(as) que

permitem aos praticantes conceber a realidade.

2 ENCONTRO DE SABERES

A pesquisa da qual este texto faz parte resulta de uma imersão em cursos do Encontro de Saberes na UFMG. Esse programa é exemplo de uma das ações afirmativas na educação superior que possibilita a povos diversos sustentar seu modo de saber ancestral no lado de dentro da universidade.

Pedrina Santos, capitã na irmandade de Nossa Senhora do Rosário Os Leonídios, em Oliveira, Minas Gerais, atuou como professora na UFMG no curso “Catar folhas”: Saberes e fazeres do povo de axé em 2016 e 2017. Esse curso faz parte do Encontro de Saberes. O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão (INCT-I) criou o programa em 2009 com uma disciplina lecionada por mestres e mestras na Universidade de Brasília para atender a reivindicação de mestres(as) dos saberes, artes e ofícios populares de estar presentes, com suas expressões culturais, na educação formal (CARVALHO, 2018). Expandindo-se transversalmente em universidades no continente latino-americano, o programa promove a inserção de saberes ancestrais historicamente excluídos na educação superior (CARVALHO, 2018).

3 ETNOGRAFIA COSMOPOLÍTICA

A participação no curso “Catar folhas” realizado na UFMG em 2017 mediou o encontro com mestres, mestras e comunidades de axé. Com a ideia de uma “imersão total”, propôs-se um envolvimento e comprometimento nos encontros com as comunidades de axé entre 2017 e 2020 (STOLZE, 2013, p. 20). Para produzir o registro de campo, fez-se uso de alguns métodos etnográficos, tais como a observação, a conversa, o registro em caderno e gravações de áudio. Subsequente ao período mais intenso em campo, desenvolveu-se o estudo de textos que pudessem ajudar na compreensão das experiências, organização os registros e a escrita sobre a imersão (STOLZE, 2013; STRATHERN, 2014).

O campo provocou questões sobre as práticas de conhecimento nas ciências. A “ética”, “verdade” e “objetividade” científicas se conectaram parcialmente às práticas de conhecimento no axé. Essas ideias foram mobilizadas, potencializadas e desestabilizadas na medida em que foram conectadas às narrativas no axé, assumindo sentidos reativados (GOLDMAN, 2014). A operação de “reativar” (STENGERS, 2018, p. 7-8) implica em retomar a capacidade de reconhecer cada prática, não como algo para se apropriar, mas como algo para se respeitar.

Esse texto tem a intenção de buscar uma aproximação entre as ideias da realidade e da verdade nas práticas de conhecimento científicas e nas práticas de conhecimento de axé para explorar os efeitos que isso produz em nós, praticantes das ciências.

4 O REINADO EM OLIVEIRA

O relato sobre o reinado de Nossa Senhora do Rosário apresenta uma das muitas maneiras que os reinadeiros concebem a realidade. Foi elaborado a partir de notas de campo, datadas de 22/08, 2 e 3/09/2017 e de conversa com Pedrina em 11/03/2021.

Com a criação da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, negros e negras conectaram as suas práticas às dos católicos. Cultuavam os *min'kisi* tocando, cantando e dançando com o rosário de Maria. Na saída do boi do Rosário, enquanto os católicos observam a devoção à Nossa Senhora, o reinado faz o que o candomblé faz, mas de outro jeito.

A saída do boi do Rosário fez parte do programa do curso “Catar folhas” em 2017. Era o início da noite quando estudantes, docentes e pessoas de comunidades de terreiro acompanharam a capitã Pedrina em direção à Casa do Congadeiro em Oliveira. Havia centenas de pessoas na porta da Casa. Após momentos de grande expectativa, o boi do Rosário saiu da Casa. Foi acompanhado por uma multidão de jovens, adultos(as) e crianças, que, agitada, pulava e cantava no ritmo das caixas. O boi subia e descia os morros de Oliveira. Já era início da madrugada quando o boi e os tocadores de caixa foram recebidos na irmandade Os Leonídeos.

A saída do boi é uma grande festa para a população. Mas Pedrina Santos deslinda que o que acontece é uma oferenda para *Mpambu Njila*. O boi transita pelas ruas da cidade abrindo caminhos, dissipando energias negativas, preparando passagem para o cortejo dos ternos com seus reis e rainhas. Para o grande público, aparenta que somente os santos católicos são festejados. Porém, cada um dos reis e rainhas representa um *n'kisi*.

5 O CASO DA ATEROSCLEROSE

Mol inaugurou, em 2002, a discussão sobre a multiplicidade nas ciências ao investigar a aterosclerose em um hospital universitário no noroeste europeu (Cf. MOL, 2002, p. 87-117). Mol observou a aterosclerose entrar em cena no departamento da patologia.

O patologista tira uma perna amputada de um saco plástico. Ele procura um bisturi adequado e corta partes do vaso sanguíneo. (...) No departamento de patologia, colocar a aterosclerose em cena atinge seu apogeu quando os olhos do médico veem uma parede vascular aumentada. (MOL, 2002, p. 89, tradução nossa)

Mol observou que, no consultório, a médica pergunta qual é o problema. Ela escuta um paciente descrever a dor em suas pernas. Sente seus pés frios ou pulsações fracas. Na intervenção cirúrgica a doença é colocada em cena de outra maneira: as práticas devem mudar a aterosclerose para melhorar a condição de saúde do paciente. É uma questão de tirar a aterosclerose de cena.

A aterosclerose pode ser concebida de formas diferentes em um mesmo hospital universitário. A doença pode ser conhecida como uma parede vascular espessada no laboratório de patologia, como uma perna dolorida no consultório, como um vaso a ser desobstruído no bloco cirúrgico. Ela é distribuída em arranjos sóciomateriais diferentes, separada em lugares diferentes. Não há, necessariamente, fragmentação, pois há um fluxo entre lugares. Há uma conexão feita através de conversas, anotações em prontuários e discussões francas e severas. A aterosclerose é colocada em cena entre fortes tensões, inseguranças, possibilidades, riscos e incertezas (MOL, 2002).

6 ENCONTROS ENTRE PRÁTICAS EPISTÊMICAS DIVERGENTES

As encruzilhadas podem ser interpretadas como lugares perigosos em que energias de mundos divergentes se cruzam. Se constituem como pontos de tensão que provocam

deslocamento e mudança. As encruzilhadas podem ser compreendidas como uma forma de “cosmos” no sentido atribuído por Stengers (2005b).

Cosmos se refere ao desconhecido, constituído por mundos divergentes, múltiplos, e às articulações que eles poderiam, eventualmente, ser capazes, em oposição à tentação de uma paz que pretende ser definitiva e ecumênica. (STENGERS, 2005b, p. 995, tradução nossa)

Stengers (2005b) combina ao cosmos o termo “política”, no sentido de incluir uma assinatura que localiza a responsabilidade do que se decide em presença do desconhecido e da multiplicidade. Atribuir uma perspectiva “cosmopolítica” às práticas de conhecimento é pensar nas possibilidades de formar encruzilhadas, pontes parciais entre mundos extraordinariamente vivos, ainda que tenham muito pouco em comum.

O reinado do Rosário coloca em ação conexões parciais entre o mundo do candomblé e mundo católico. O caso aterosclerose demonstra a multiplicidade da doença dentro de um hospital. Tanto os praticantes do reinado como os praticantes da medicina moderna concebem realidades vivas e diversas. No reinado e no hospital, práticas de conhecimento colocam realidades divergentes em ação sem que exista, necessariamente, fragmentação. Isso porque há pontes parciais entre práticas diferentes sendo feitas em encontros e também em choques severos. Isso contribui para o caráter rico, adaptável e tenaz das práticas no reinado e nas ciências modernas.

O reinado faz vínculos cósmicos e arriscados ao realizar as suas práticas com sagacidade e criatividade em um meio que as dificuldades sempre foram enormes (ver PIRES, 2011). A encruzilhada do reinado supera as noções de certo e de errado, conecta pontos de mundos divergentes, fortes e vivos, produzindo uma realidade simultaneamente tênue e persistente, que ultrapassa o que um texto poderia dar conta de descrever.

A noção de uma realidade universal é colocada em questão com a investigação sobre a aterosclerose (MOL, 2000). No hospital universitário não há uma busca por uma similaridade. A doença diagnosticada e a tratada não precisam ser colocadas da mesma maneira. Se esta é diagnosticada e aquela é tratada, cada uma ocupa o seu lugar: a primeira no consultório e a segunda no bloco cirúrgico, por exemplo. Não há uma maneira pior e outra melhor de colocar a aterosclerose em cena nem de tirá-la de cena (MOL, 2002).

Encruzilhar a narrativa da saída do boi do Rosário ao caso da aterosclerose não sugere uma identidade entre as realidades. Cada caso é inseparável do seu lugar. A parcialidade, a localidade e a singularidade são os aspectos que permitem encruzilhar cenas tão distintas. São associações entre alguns pontos, que longe de abranger uma totalidade, podem nos fazer pensar sobre as práticas de conhecimento nas ciências.

7 DESESTABILIZAR AS PRÁTICAS EPISTÊMICAS CIENTÍFICAS

De todas as práticas de conhecimento, a ciência moderna é uma das que se permite ver como a única que reflete a realidade objetiva (LATOURET, 2008; STENGERS, 2005a). Stengers (2005a) cita os físicos como um exemplo de praticantes que costumam afirmar que duvidar dos seus conhecimentos equivale a estar contra a verdade. Em nome da realidade, alega-se que as outras pessoas não têm acesso direto à realidade física e vivem ficções (STENGERS, 2005a).

Praticantes de outras áreas das ciências também tendem a considerar o discurso das pessoas externas às ciências como ilusório (GOLDMAN, 2008). Assume-se a inexistência de

entes concebidos fora das práticas científicas “e a isso em geral se denomina crença” (GOLDMAN, 2014, p. 13). Goldman comenta que essa ideia é tão convencional que os praticantes das ciências sequer experimentam a necessidade de explicitar que não existem “divindades, espíritos e forças misteriosas, certamente, mas também raças, tradições inventadas, genealogias impossíveis etc” (GOLDMAN, 2014, p. 14).

A alternativa a essa visão cientificista não seria decretar que, sim, tudo o que as pessoas descrevem existe. Isso permanece expressando a pretensão da ciência moderna de julgar o que existe e o que não existe. “Não se trata de uma questão de existência ou inexistência”, mas de se olhar para as relações (GOLDMAN, 2014, p. 14).

Uma saída possível dessa perspectiva pode ser colocar as práticas em primeiro plano em uma abordagem situada do conhecimento, compreendendo a realidade de modo conectado aos procedimentos, investimentos, materiais e parcerias que a colocam em ação (STENGERS, 2005a; VERRAN, 2013; HARAWAY, 1995). Não se trata, portanto, de afirmar que a verdade é relativa. Trata-se de compreender o conhecimento, a realidade e a verdade como algo que pertence a um coletivo prático singular.

Como uma experiência que nos movimenta para reconhecer quem não somos e o que não sabemos, reativar os vínculos entre as ciências e as práticas situadas no seu exterior pode operar como um antídoto contra a pretensão cientificista de determinar o que pode contar como realidade objetiva, nos ensinando a respeitar as diferenças entre as práticas epistêmicas nas universidades.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J.J. Em GUIMARÃES, C. (coord). *Uma conversa com José Jorge de Carvalho*. Belo Horizonte: Saberes, 2018. Disponível em youtu.be/gAT1szkgw6Y Acesso em 28 jan. 2020.

GOLDMAN, M. *Os Tambores do Antropólogo. Ponto.Urbe*. São Paulo: USP, 2008.

GONZAGA, Y.M. A garantia do direito à permanência de estudantes negros/as no ensino superior público. Em OLIVEIRA, O.F.; SISS, A. (orgs). *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro: FLACSO, 2015.

HARAWAY, D. Saberes localizados. *Cad. Pagu*.V. 5. Unicamp: Campinas, 1995.

LATOURETTE, B. Como falar do corpo? Em NUNES, J.A.; ROQUE, R. (orgs). *Objectos impuros*. Porto: Ed. Afrontamento, 2008.

_____. *Jamais fomos modernos*. Ed. 34: São Paulo, 1994.

MOL, A. *The body multiple*. Durham, CN, EUA: Duke, 2002.

PIRES, F. A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica entre os anos de 1950 aos dias atuais. Em MOURA, C.A.S *et al. Religião, Cultura e Política no Brasil*. N. 10, v. 2. 2011.

STENGERS, I. *Another Science is Possible*. Cambridge: Polity, 2018.

_____. Introductory notes on an ecology of practices. *Cult. Stud. Rev.* V.11, n.1. 2005a.

_____. The Cosmopolitical Proposal. Em LATOUR, B.; WEIBEL, P. (Org.), *Making Things Public*. Mit, 2005b.

STOLZE, T. O campo e a escrita. *R@U*. V.5, n.2. 2013.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VERRAN, H. Engagements between disparate knowledge traditions. Em GREEN, L. (ed). *Contested Ecologies*. Cidade do Cabo: HSRC, 2013.